



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**CAROLINA DERTZBOCHER FEIL PINHO**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-680

**Entrevistada:** Carolina Dertzbocher Feil Pinho

**Nascimento:** 10/03/1991

**Local da entrevista:** ESEF-UFRGS, Porto Alegre

**Entrevistadora:** Claudia Yaneth Martínez Mina

**Data da entrevista:** 10/06/2015

**Transcrição:** Claudia Yaneth Martínez Mina

**Copidesque:** Claudia Yaneth Martínez Mina

**Pesquisa:** Claudia Yaneth Martínez Mina e Silvana Vilodre Goellner

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 40 minutos e 8 segundos.

**Páginas Digitadas:** 17 páginas.

### **Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção na esporte; Infância e adolescência; Futsal ensino fundamental e médio; Apoio da família; Jogos escolares do rio grande do Sul (JERGS); Futsal Universitário; Motivação; Presença das mulheres no futsal; Significados relacionados com a prática esportiva do futsal; Aprendizados; Inserção na equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Apoio institucional; Jogos Universitários Gaúchos.

Centro de Memória do Esporte, 3 de junho de 2015. Entrevista com Carolina Dertzbocher Feil Pinho a cargo da pesquisadora Claudia Yaneth Martínez Mina para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Eu quero começar fazendo uma pergunta muito importante: como você começou a jogar futsal ou futebol? Quais são as primeiras lembranças sobre a primeira vez que bateu uma bola? Ou como o futsal ou futebol apareceu na sua vida?

C.P. – Bom, eu comecei a jogar futsal, futebol, acho que desde que eu me conheço como gente, jogava com meus primos na rua, no pátio, nos aniversários e isso foi me dando vontade de participar. Meu pai sempre me incentivou, sempre procurou me dar chuteira, bolas, camisetas de times, para eu criar esse amor pelo futebol, e comecei a jogar na escola, depois no clube dos empregados da Petrobrás, que era onde meu pai trabalhava. Lá tinha uma escolinha de futsal para crianças, feminina, e aí comecei a jogar lá, desde pequena sempre minha mãe me incentivava também, os dois, sempre incentivaram, sempre, de eu participar disso.

C.M. – E você jogava onde antes de jogar na escola?

C.P. – Eu jogava só nas ruas e não joguei em clubes de grandes expressões no futebol em geral, mas aí eu jogava e isso foi me dando amor pelo futsal.

C.M. – E com quem você jogava na rua naquela época?

C.P. – Com os vizinhos, tanto meninos quanto meninas, com parentes, quem viesse para jogar a gente jogava na praia, com todo mundo que estava na vizinhança.

C.M. – Tinha várias meninas que também jogavam?

C.P. – Sempre tinham mais meninos, normalmente eu e mais duas meninas. Quando eu comecei na escola sempre, que eu me lembre, se a partir da terceira, desde a primeira série já tinham futsal, também tinham uma escolinha e jogava, e ali tinham bastantes meninas lá,

que são minhas amigas até hoje. A gente combina de jogar esporadicamente mas, naquela época, tinha sim umas dez gurias que jogavam na escola, desde a primeira à quarta série, e então sempre se criou esse vínculo dessas meninas.

C.M. – Você morava nessa época em qual cidade?

C.P. – Eu moro em Canoas<sup>1</sup>, sempre morei lá, e ali eu estudei a minha formação toda, escolar, na mesma escola e essas meninas também. Então, isso criou uma grande amizade, porque a gente ia na casa de uma ou da outra, às vezes de tarde, jogava futebol na rua, a gente jogava ou chamava aos vizinhos, aniversários que tinha e essas meninas também juntavam com os meninos e jogava aí todo mundo.

C.M. – Até quando mais ou menos, você jogou futebol naquele espaço, na rua? Na rua, acho que até uns doze ou treze anos, eu jogava assim.

C.M. – Depois já continuou jogando?

C.P. – Na rua não continuei, a gente saiu da rua, e na escola mesmo eles criaram um horário disponível para treinamentos. Então, a gente aí treinava na escola, estudava de manhã e ficava as tardes na escola para jogar, porque a rua começou a ficar mais perigosa, e aí sempre tinha que ter alguém mais de olho, e a escola disponibilizava o espaço para a gente ficar lá.

C.M. – Nessa época, qual era o principal motivo pelo qual você jogava futsal?

C.P. – Por gostar, sempre gostei e o principal motivo era esse, me sentia bem fazendo aquele esporte. A minha prima sempre brinca comigo porque eu e ela somos os opostos. Ela sempre ficava lá na parte das bonecas ou lá sentada, e eu era sempre correndo ou pulando, e isso foi me desenvolvendo isso de gostar do esporte e do futsal.

C.M. – Você jogou outros esportes além de futsal?

C.P. – Tentava. Jogava vôlei, basquete, handebol, que era o que oferecia lá na escola, mas não cheguei a jogar fora, fora sim era só futebol e futsal.

C.M. – Você falou que seu pai incentivava a você para jogar e sua mãe também. Tinha alguma pessoa da família que não gostava que você jogasse?

C.P. – Ah, eles sempre me incentivaram, tanto meu pai como minha mãe. Na época quando era pequena não enxergava muito que tinha gente que não gostava; a minha tia é uma pessoa que ela nunca gostou muito que eu jogasse futebol, só foi ver depois, que eu já estava grande que poderia jogar em algum clube, alguma coisa assim, e ela acabou... Como ela era mais responsável por me levar, me buscar e isso acabou me afastando um pouco dessa oportunidade, só que na época não percebia muito isso, agora mais madura já percebo.

C.M. – Você falou que ela se afastou de você, que ela talvez não apoiava você para jogar, de que jeito você enxergou isso?

C.P. – Agora enxergo como uma coisa ruim porque eu queria ter feito, mas pelas dificuldades, isso acabou não sendo bom. Eu poderia ter tido outras oportunidades, ela poderia, de repente, ter influenciado... Não influenciado, mas, ter tido uma boa vontade de deixar eu fazer o que eu gostava.

C.M. – E como ela não deixava fazer?

C.P. – Por eu morar na outra cidade, eu morava em Canoas, e eu vim para fazer um teste na Duda<sup>2</sup> em Porto Alegre, e eu passei só que, por questões de deslocamento que teria que pegar um trem e pegar ônibus e não conhecer muito a cidade, porque Canoas é uma cidade, é grande, mas é menor que Porto Alegre, é tudo mais fácil. E tinha um pouco esse receio, de eu sair, pegar tudo isso e não saber, isso acabou influenciando.

---

<sup>1</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Eduarda Luizelli Marranghelo, proprietária da Escola de Futebol da Duda.

C.M. – Você pensou alguma vez em fazer do futebol ou do futsal sua profissão, no sentido de querer ser esportista profissional?

C.P. – Pensar, todo mundo pensa, a maioria, só que para o futebol feminino isso é muito difícil, é uma pena, mas...

C.M. – Por que você acha que é difícil?

C.P. – É difícil tu ter um... Acho que é assim: quando um guri ou menino quer jogar futsal, o quer ser profissional, ele vai fazer testes em vários times, nem que ele jogue sempre em times pequenos, mas ele vai estar jogando; a menina, por mais que ela queira jogar, não tem espaço, não tem clubes, muitos acessos a clubes. Têm um ano, no outro ano tu já não sabe se vai ter e isso acaba dificultando a profissionalização e, até eu acho, o incentivo no esporte para o público feminino.

C.M. – Você estudou numa escola pública ou particular?

C.P. – Particular

C.M. – E nessa escola, você também jogava... Me falou que jogava futebol ou futsal?

C.P. – Futsal

C.M. – Me conta a sua experiência, como era jogar dentro da escola?

C.P. – A escola, ela sempre foi aberta para o futsal, ela sempre, por ter essas meninas... Quando eu entrei, como com uns seis, sete anos, já tinha meninas mais velhas que jogavam. Então, a escola, ela sempre foi aberta para esse esporte, o futsal. Sempre teve diversas oportunidades, participava de diversos campeonatos e sempre esperavam, sempre instigando essa vontade nas meninas mais novas. E aí, procuravam levar as meninas mais novas, às vezes tinham uns campeonatos com as mais velhas, para elas ter essa vontade. Procuravam também ter, oferecer na Educação Física, por mais que não seja tudo mais correto, em oferecer mais o futsal na Educação Física para as meninas porque era o esporte

que mais chamava a atenção delas, tanto dos meninos como das meninas, então, nunca teve grandes problemas por conta disso.

C.M. – E você lembra quais eram os campeonatos que jogavam?

C.P. – Ah, jogava Jogos Estudantis, Copa Paquetá, Jogos Estudantis Luteranos, que era o principal foco da escola; todos os campeonatos, JERGS<sup>3</sup>, que eram escolares, participava.

C.M. – Como eram os treinos nesses times da escola?

C.P. – Os treinos eram no contra turno. Então, a gente estudava de manhã e ia para o treino da tarde; mas não eram treinos, treinos, bem específicos, eram treinos, pouco treino e mais jogo. Antes, eu esqueci de falar, eu também joguei um campeonato municipal representando a cidade de Canoas, que agora não lembro em qual cidade é que foi, mais na época tinha doze, treze anos; e eu saí, eles fizeram a seleção em Canoas, foram diversas meninas para representar a cidade nos jogos municipais, e a gente tinha mais treinamento, mas isso foi questão de um mês, montar um time, treinar para ir.

C.M. – Eram Jogos Municipais Escolares?

C.P. – Não, esse aí não, esse eram Jogos Municipais do Estado.

C.M. – Os treinadores eram homens? O treinador, o professor?

C.P. – Eram sempre homens, todos os treinadores que eu tive foram homens.

C.M. – Quais foram as experiências mais significativas que você lembra sobre a prática de futsal dentro da escola?

C.P. – Experiência mais significativa era o campeonato sempre mais esperado que todo, praticamente, toda a cidade... Os Jogos Luteranos de Canoas saiam escola de Canoas. Então, toda a cidade mais ou menos se voltava para aquilo, as escolas se voltaram para

aquilo, tinham rivalidades entre escolas, escolas que ofereciam bolsas para outras meninas, para ir jogar, e isso acabava às vezes, deixando uma escola melhor que a outra, e isso sempre era legal, por incentivar.

C.M. – Vocês ganharam algum campeonato?

C.P. – Ganhamos diversos, agora não lembro os nomes.

C.M. – Esses Luteranos?

C.P. – Os Luteranos não. Os Luteranos, quando ganharam eu não estava, eu era pequena, então era reserva ainda, não tinha entrado só estava na equipe, porque eles tinham dito, eles levavam as menores para ir conhecendo, e eu não fazia muita parte da equipe. E depois, quando fui ficando maiores, a gente não ganhou, porque começou isso que eu te falei, de dar, outras escolas darem bolsas e acabavam deixando, retirando muitas meninas de nosso time para ir para lá, eu inclusive recebi oportunidade de ir, mas a questão de rivalidade, por mais que sejam escolares, pensava era: “eu não vou jogar contra a minha escola” [RISO].

C.M. – Qual era o nome da tua escola?

C.P. – Era Concórdia<sup>4</sup>.

C.M. – E a escola rival?

C.P. – Era Cristo Redentor<sup>5</sup>.

C.M. – Lembra algum acontecimento relacionado com a prática de futsal dentro da escola, nessa época? Algo que ficou na sua mente?

C.P. – Ah, eu lembro, que estava no terceiro ano que era a última vez que ia participar do campeonato, então, aquele momento foi marcante porque todo mundo queria muito ganhar e estava jogando lá como se fosse a vida, por ser o último ano. E aí no fim, a gente acabou

---

<sup>3</sup> Jogos Escolares do Rio Grande do Sul.

<sup>4</sup> Colégio Luterano Concórdia.

perdendo de dois a um, se eu não me engano, três a dois, eu sei que o placar foi bem pequeno, foi um jogo super parelho, e aquele momento ficou muito marcante porque tudo o que a gente queria era ganhar uma última vez e não aconteceu.

C.M. – Você fez o ensino médio nessa mesma instituição?

C.P. – Sim.

C.M. – E também continuou jogando futsal no ensino médio?

C.P. – Sim.

C.M. – No ensino médio qual era a principal motivação para você jogar?

C.P. – No ensino médio, era estar com essas pessoas, estar com as pessoas que eu já tinha jogado na minha vida toda. Saíam acrescentando gente, praticamente no time, porque todo mundo era da mesma região ali, do mesmo bairro, dentro da escola, e isso no ensino médio continuou igual.

C.M. – Você terminou o ensino médio e ainda jogava?

C.P. – Sim.

C.M. – Em algum momento da sua vida parou de jogar?

C.P. – Parei... [PAUSA] Parei de jogar sim. Eu jogava aí mais pelada, jogava só por jogar, não tinha nada, nem o objetivo final, mas só para não perder aquele esporte, que era o que eu sempre gostei de fazer. Então, por questões da faculdade e querer estudar às vezes não tinha muito mais tempo para me dedicar ao esporte como eu queria, e acabava jogando, mas o final de semana.

C.M. – Você me falou que pertenceu a alguma escolinha?

---

<sup>5</sup> Colégio ULBRA Cristo Redentor.

C.P. – Sim.

C.M. – Quantos anos você tinha?

C.P. – Quando comecei em escolinha eu era pequena, eu tinha oito, nove anos.

C.M. – Qual escolinha era?

C.P. – Era tanto a da escola mesmo, que eles chamam “escolinha” que vinham pessoas de fora. E quanto lá na Petrobras, que era lá no clube, que eles ofereciam. Acho que eu comecei a jogar lá com sete anos até meus dez e daí depois a escolinha fechou por falta de meninas para jogar.

C.M. – Você porque ingressou nessa escolinha?

C.P. – Porque, meu pai trabalhava lá, lá na mãe fazia academia, meu irmão jogava também no time, e, tinha isso, tinha as oportunidades e eu gostava, insisti bastante, meus pais também deixaram jogar para isso.

C.M. – Você como organizava o tempo para fazer as atividades acadêmicas e para se dedicar ao futsal?

C.P. – Tentava, sempre tinha um espaço para o futebol, para o futsal, então sempre tinha esse espaço. Até hoje se tiver provas, outro dia trabalho, sempre trato reverter os horários e de arrumar uma maneira de jogar, de fazer o que eu me sinto bem.

C.M. – Como eram os treinos nessa escolinha? Quantas meninas tinham?

C.P. – Tinha em torno de oito a dez meninas, não tinha muitas, porque muitas depois iam ficando maiores e acabavam saindo do futsal. Então, eram poucas meninas e a gente sempre tinha que fazer, dar um jeito, se combinar para ver se pelo menos cinco iam ir, para conseguir jogar, porque, ah, uma começava a namorar, que tinha esses lances assim depois

de mais velha, e acabavam não indo, acabavam saindo ou iam pouquinho ou iam embora. E isso era muito difícil porque às vezes, a que estava lá, era a maioria que queria mesmo estar lá para treinar, e não conseguiam fazer o trabalho direito porque não tinha, porque faltavam meninas, faltava o estímulo de alguém aí para continuar.

C.M. – E essa escolinha tinha meninos também?

C.P. – Não, era só meninas, por isso é que era tão pouca gente.

C.M. – Eles não tinham para meninos no outro horário?

C.P. – Tinham para meninos no outro horário e quando eram menores deixavam misturar os dois. Mas quando começou a ficar o pessoal mais velho, os meninos com mais força, resolveram separar. Então, por isso é que ficavam poucas meninas para jogar na escolinha feminina.

C.M. – Quem ensinava nessa escolinha?

C.P. – Era o professor de Educação física.

C.M. – Como era a relação com as colegas da escolinha?

C.P. – Ah, era muito boa, tanto que até hoje a gente mantém contato. Se alguém vai jogar e precisa de uma atleta, sempre se liga, tenta se combinar, tenta convidar para manter esse contato; tanto que tem meninas que moram fora do país e quando vêm para cá sempre se dá um jeito de combinar um jogo, só para interagir todo mundo que jogava naquela época.

C.M. – Você como pode descrever essa experiência de ter pertencido a essa escolinha?

C.P. – Acho que me ajudou a crescer bastante, claro que sempre pode melhorar, por ser um lugar pequeno, se tem poucas meninas, isso acaba dificultando muitas vezes. Mas se pudesse jogar num lugar maior, tal vez teria desenvolvido outras habilidades, outra visão de jogo, mas, com certeza me ajudou a crescer bastante e me fez continuar com essa vontade de competições, de jogar em outras equipes e procurar sempre o esporte.

C.M. – Crescer no sentido esportivo?

C.P. – Esportivo, pessoal também, porque tu acabas socializando com outras pessoas, acaba convivendo, vendo outras formas de jogo, outras formas de pessoas, de lidar com as pessoas.

C.M. – Voltando para a escola, como eram as aulas de Educação física?

C.P. – Então, no ensino fundamental a aula de Educação Física ela era em horários... Então, estudava pela manhã, as aulas eram pela manhã, dentro dos períodos ativos, eram dois períodos por semana, aí alguns anos eram duas vezes à semana, outra vezes uma vez à semana. No ensino médio ela era no contra turno, então aí tu poderias escolher a partir do primeiro ano a modalidade que tu queria participar, entre todas elas, as quatro básicas: vôlei, futsal, handebol e basquete, poderia escolher. Mas pelo vínculo das meninas todas acabavam, a grande maioria, oitenta por cento acabavam indo para o futsal. E aí era no contra turno, eram dois períodos, davam duas horas mais ou menos de Educação Física.

C.M. – Ou seja, no ensino médio você só jogava futsal nas aulas de Educação Física?

C.P. – Isso.

C.M. – E como era no ensino fundamental?

C.P. – No ensino fundamental, jogava outros esportes, mas sempre no final da Educação Física tinha um jogo de futsal, todo mundo queria, e misturava meninos e meninas, às vezes separava, mas sempre tinha um jogo na final de futsal, por mais que o professor tentasse não colocar, os alunos insistiam, os professores sabiam que gostavam e acabavam deixando.

C.M. – E quando separavam, por que separavam?

C.P. – Muitas vezes porque os meninos eram em grande maioria, e ficava muita gente para jogar e a escola tinha duas quadras, então separava. Pelos meninos também seriam mais

fortes, aquele método, que muitas vezes as gurias não queriam jogar por medo dos meninos, e só jogariam se fosse só com meninas, então, acabavam separando para ter mais gente para jogar.

C.M. – Quantos anos você tinha quando terminou o ensino médio?

C.P. – Tinha dezesseis.

C.M. – E em quais times além dos times da escola você esteve?

C.P. – Eu joguei depois, com uns dezessete, dezoito anos, eu joguei lá, voltei a jogar lá na Petrobras que eu tinha dado antes, só que aí era para jogar umas competições que eram para os empregados, e aí os filhos poderiam jogar também. Então, a gente jogava duas vezes na semana, que era o que seria o treino, mas não tinha nada específico, era só chegar e jogar, e era futebol sete, ela só chegar, jogava e depois ir embora. Então não tinha os treinos, mas tinha aquele espírito de querer ir para competição. Depois comecei a jogar no outro time, mas ele não cresceu, por questões do técnico; o técnico acabou brigando com umas meninas e aí saiu fora, e faltou alguém para continuar aquilo, depois a universidade.

C.M. – E esse time quem o organizava?

C.P. – Esse? Também era do bairro que eu moro, então, uma chamava a outra: “Sei que vai ter, estão montando time lá, vamos, vamos”. E assim iam indo e ia se espalhando a notícia até chegar a ir. Eles faziam as partes mais específicas de treino e depois jogo também. Mas tinha mais daquele ímpeto de treinamento que se tem, que de só largar a bola; e aí agora na universidade, jogando no time da universidade.

C.M. – Você como conheceu o time da UFRGS?<sup>6</sup>

C.P. – Eu conheci aqui dentro, até então, até entrar na UFRGS eu não sabia que tinha esportes universitários, nem sabia disso. E eu entrei em 2010, porém, só entrei no time em 2012. Então, fiquei quase um ano e meio, porque entrei em 2010, quase um ano e meio

sem conhecer o time por questões de trabalho, que eu queria trabalhar, e não sabia como é que era lidar assim com as pessoas, eu não conhecia muita gente, então, eu ficava mais afastada e foi assim que eu conheci.

C.M. – E como ingressou, como foi esse processo para você fazer parte?

C.P. – Então, o treinador do time na época sempre falava para eu ir no treino, ir no treino, e eu sempre enrolava, dizia que não. E depois, com o tempo fui conhecendo algumas meninas que faziam parte, que foram me convidando para ir e aí eu consegui ajustar os meus horários para conseguir vir, vim um, vim dois e assim eu fui ficando até hoje.

C.M. – Você ficou sem jogar nesse ano e meio?

C.P. – Eu jogava na Petrobras, como te falei, jogava nessa outra equipe e jogava por fora, onde chamassem eu jogava.

C.M. – O que motivou a você para fazer parte do time da seleção de futsal da Universidade? Qual foi o principal motivo pelo qual você começou a treinar?

C.P. – Por gostar, por ter esse espírito de gostar de participar de competições e gostar de praticar o futsal, e ali seria uma oportunidade que eu tinha; sem contar que as amigas estavam ficando maiores entre as atletas, entre as meninas que eu conhecia, tanto daqui da ESEF<sup>7</sup> e isso foi me deixando mais à vontade para continuar.

C.M. – Como tem sido essa experiência dentro do time?

C.P. – Muito boa, a estou achando muito boa. Eu tive esse espírito de equipe, mas não assim profundamente que nem eu estou tendo agora. Então, a minha experiência para mim um pouco nova, mas boa, por questões de cumprir horários, de saber lá que tu tem que chegar motivado para o treino, tem que chegar com vontade; não adianta querer só vir por

---

<sup>6</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>7</sup> Escola de Educação Física.

vir, porque senão alguém pode vir com mais vontade que tu e aí tu vai ficar um pouco para atrás, aí tu tem que tentar recuperar, então isso dá uma motivação.

C.M. – O que significa para você fazer parte do time de futsal da UFRGS?

C.P. – Como eu disse no início, eu não tinha tanta noção de como é que era, hoje eu vejo de que é muito maior do que eu imaginava, de que eu pensava. Por exemplo, quando a gente ganhou a primeira vez um campeonato em 2012, que foi o meu primeiro ano, parecia que aquilo lá, eu via a todo mundo falar, te reconhecer, então isso é muito importante assim, o pessoal de fora reconhecer. A gente treinava e as meninas do vôlei treinavam do lado e elas falavam: “Nossa, vocês treinam demais, vocês mereciam”, porque a gente se esforçava para isso.

C.M. – Qual campeonato vocês ganharam?

C.P. – Em 2012, Copa Unisinos<sup>8</sup>.

C.M. – Qual é a sua motivação para continuar fazendo parte do time?

C.P. – Acho que tudo isso que eu falei um pouco, mais os vínculos que tu cria, vínculo de amizade, a vontade de tu querer continuar jogando, fazendo o que tu gosta, e principalmente, eu acho, as amizades; porque jogar tu acaba jogando em qualquer lugar, mas as pessoas que tu cria ali, os laços são muito maiores e acabam te deixando pressa a isso.

C.M. – Você acha que tem alguma diferença na prática de futsal na escola e agora na universidade?

C.P. – Agora tem e não tem. Tem assim diferença pelo compromisso, por ter esse compromisso, por ter treinamentos específicos pelo esporte, para a modalidade. E o que não tinha na escola? Os treinos eram mais largar bola e jogar e, *ah uma não queria ir e não ia*. E aqui tem mais o compromisso.

C.M. – Você acha que a universidade apoia o time de futsal?

C.P. – Sim, eu acho que sim. Pelo trabalho que foi desenvolvido, o time começou no 2005, 2006, nessa época, não lembro agora direito. Então, pelo trabalho que sempre foi desenvolvido, [à vontade das meninas estarem aqui, não ganharem nada, só vir e jogar por gostar, por amor, isso acaba influenciando um pouco aos outros departamentos da universidade, departamento do esporte, que acabam incentivando sempre a jogar, a continuar praticando isso.

C.M. – E de que jeito a universidade apoia o time?

C.P. – Acho, que disponibilizando os espaços, porque a gente sabe que a ESEF tem poucos espaços para aula. Mas tem os espaços disponíveis para os esportes e isso acaba sendo um reconhecimento. Também, incentivado, ajudando no patrocínio de deslocamentos, de competições, que quando a gente vai, a gente acaba conversando com outras pessoas e elas mesmas falam que elas estão lá, porque elas tiveram que investir naquilo, que senão elas não teriam se deslocado, porque a universidade não pagaria nada, e aqui a gente vê que eles incentivam. Eles vão lá, fazem para a gente ir até o local para a gente participar das competições e ir, se precisar de uniformes, se precisar de materiais, e acabam dando um jeito para a gente conseguir isso.

C.M. – Vamos falar agora dos significados de praticar futsal. O que significa para você praticar futsal?

C.P. – Significa fazer o que eu gosto, fazer o esporte que eu pratiquei a vida toda, que eu sempre gostei, não só futsal, mas futebol também. Então, não importa que é o que seja acontecendo se tiver jogando lá na esquina, chegarem jogando dois times, sempre vou dar uma olhada, então, passa a vida toda fazendo e dentro do ambiente que tu gosta.

C.M. – Como pode descrever a sua experiência como mulher que joga futebol ou futsal?

---

<sup>8</sup> Universidade de Vale do Rio dos Sinos.

C.P. – Eu não sei, não vejo isso como um problema, muita gente vê como um problema, de repente, aquilo que eu já falei que não joguei pela minha tia não me levar, de repente por causa disso, pensar: “ah uma menina jogando futebol, futsal”, mas eu nunca dei bola, só é uma pessoa, está fazendo o que gosta, que vai estar lá fazendo-o, não importa se é menino ou se é menina, se é criança, se é idoso, está fazendo o que se sente bem.

C.M. – Você acha que existe alguma diferença entre homens e mulheres que jogam futebol ou futsal?

C.P. – Acho que a única diferença que se tem é mais física, pelas questões físicas do homem e a mulher, ao homem ser mais forte, tem mais potência, tem mais velocidade. Mas questão assim tipo psicológico de ser de dentro da pessoa, acho que não, eu não vejo diferença nisso, de ser homem de ser mulher para jogar, então, eu sempre joguei com homens e nunca teve problema nenhum.

C.M. – O que é a melhor coisa que o futsal ou futebol trouxe para sua vida?

C.P. – O melhor, gostar do esporte, gostar do vínculo, desse ambiente ali de estar, de chegar, te dá expectativa de chegar para um treino, de chegar para um jogo, chegar horas antes de iniciar o treino já estar aqui esperando.

C.M. – Você tem algum vínculo com o esporte além de jogar futsal? Você se desempenha de outro jeito com o futsal pode ser como treinadora, professora?

C.P. – Eu trabalhei com futsal nos estágios que eu fiz aqui na universidade. Em todos eles, no ensino fundamental e o ensino médio, eu procurei trabalhar isso com os adolescentes e procurava sempre incentivar às meninas a participarem das aulas, por mais que elas reclamassem, não gostassem, tentava levar isso para elas, para elas ter essa vontade. Muitas vezes, infelizmente a gente tinha que separar meninos e meninas, porque se não elas não jogavam, mas para eles terem essa vontade de querer jogar. E como treinadora, nunca fiz isso de ser treinadora, mas a minha intenção é trabalhar dentro do médio de futsal ou de esportes coletivos.

C.M. – Agora o contrário, você acha que tem algum aspecto negativo dentro da sua experiência como praticante de futsal?

C.P. – Algum aspecto negativo? [PAUSA] Acho que o mais negativo que fica é a rivalidade que se cria, porque ela às vezes, sai das quatro linhas. Então, isso acaba deixando na hora o futsal ou o futebol menos bonito, fica um jogo mais duro. Se for pegar um Grenal<sup>9</sup> por exemplo, os jogadores ali dentro do campo, eles se matam pela bola, pelo seu time, mas fora, termina o jogo e já estão se abraçando, e eu acho que esses são os aspectos negativos que eu vejo no futsal.

C.M. – Isso não acontece no futsal?

C.P. – Olha, pelas experiências que eu tive, tanto na escola como universitário acontece mas não assim no momento. Sempre tem, principalmente agora com internet com tudo isso, com Facebook, sempre tem um jeito de menosprezar ao adversário, e isso acaba deixando um aspecto negativo, que eu acho que não é uma necessidade, acho que se tu ganhou, foi, dou os parabéns, por ter ganho, mas não precisa me menosprezar.

C.M. – Mais alguma coisa que você queira me contar relacionada com a sua experiência pessoal com o futsal ou o futebol?

C.P. – Eu acho que acabei falando tudo, minha experiência. Infelizmente, hoje eu vejo que não tive tanto ímpeto de ir atrás para eu jogar mais, não digo jogar profissionalmente, mas para ter mais essa, não sei qual é a palavra, mas não é vontade, mas ter mais essa experiência de vida, ter jogado em outros lugares.

C.M. – Você jogou futebol?

C.P. – Não, só futsal.

C.M. – Futebol nunca jogou num time?

---

<sup>9</sup> Clássico do futebol disputado entre o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Sport Club Internacional.

C.P. – Não. Futebol, eu acho que é mais difícil ainda que o futsal, porque sem contar que se precisa um espaço muito maior para jogar, então já começa a dificultar isso. E são poucos os lugares que oferecem futebol, eles oferecem mais o futsal, vários times acabam oferecendo futsal e aí as mesmas meninas que jogam futsal, jogam futebol. Pela falta de, não sei se é espaço, se é infraestrutura, tudo de vontade de pessoas maiores de incentivarem isso.

C.M. – Então muito obrigada pela entrevista, qualquer coisa que falte por perguntar fazemos uma nova entrevista. Agradeço teu tempo.

C.P. – Está certo. Eu te agradeço.

[FIM DA ENTREVISTA]